

O Povo Dourado

Palestra com Kaká Werá em 21/06/2013

Para mim é uma honra muito grande estar com vocês nesta casa, por diversos motivos, e entre eles, por este grande acontecimento que é o **Festival Multicultural**, graças ao qual presenciei hoje com a Ute no *Ceu Casablanca* os jovens que vieram da Alemanha juntos com os jovens da *Monte Azul*, e com jovens da periferia de Itapecerica da Serra, todos juntos, alemães e brasileiros, muitos não falando a mesma língua do ponto de vista verbal mas falando a mesma língua do ponto de vista da alma e da música, foi muito bonito.

Eu queria compartilhar com vocês hoje, não partindo do mito que estamos traduzindo e os jovens estão multiplicando, mas gostaria de compartilhar três momentos da relação da cultura guarani com a Alemanha especificamente, e com o Brasil de modo geral, porque estamos no ambiente adequado.

Este não é o primeiro encontro Brasil-Alemanha, e também não é o primeiro encontro Tupi-Guarani com a cultura alemã. Do ponto de vista da cronologia histórica houve três encontros que vale a pena compartilhar com vocês hoje.

O primeiro encontro acontece no século XIX, o segundo no século XX e o terceiro agora no início do século XXI. Pensei comentar os momentos históricos antes de chegar ao mito porque eles têm relação com esse mito. O primeiro encontro foi na época do império do Brasil, já na transição do império para a República. Era um momento de muita convulsão social. Dom Pedro II fez um programa sem nenhum planejamento, uma aventura, e as cobaias escolhidas para essa primeira tentativa de emigração foram os alemães.

Por volta de 1821 ou 1827 vem da Alemanha um navio com 374 pessoas, não me lembro de que região da Alemanha eles são, e vêm para esta região onde estamos, Santo Amaro e Itapecerica da Serra. Podemos imaginar essas 374 pessoas chegando de navio, aportando em Santos, no litoral de São Paulo, sendo que naquela época não havia ainda a Rodovia dos Imigrantes. Hoje é um percurso rápido mas naquele tempo não era assim. Foi esse grupo que teve a primeira relação com o Brasil. Não foi uma relação fácil porque essas famílias já vinham de uma história de sofrimento e dificuldades da região de onde vinham e no momento em que vinham. Essas famílias dividiram-se em dois grupos: um ficou em Itapecerica e outro veio para estes lados de Santo Amaro, e mais ou menos 20 ou 30 anos depois, para resumir, o grupo que ficou em Itapecerica da Serra começou a ter relações de casamento, de união, com os tupis guaranis, o que nos autos históricos é descrito assim: "...os alemães começam a se relacionar matrimonialmente com os naturais da terra..." . Quem são os naturais da terra? São os guaranis e também os mestiços das ligações de portugueses com tupis guaranis. Naquela época Itapecerica era um aldeamento guarani protagonizado pelo grupo de jesuítas sob direção de um padre chamado Belchior de Pontes.

Começa a existir uma miscigenação indígena alemã gerando famílias mestiças, e é assim que se dá essa primeira relação entre os dois povos. Não é só uma relação simbólica mas uma relação de encontros, de casamentos. Isso acontece porque a maioria das famílias alemãs

naquela região era católica, ao contrário, as famílias que vieram para Santo Amaro eram na maioria luteranas.

Os tupis guaranis que habitavam aquela região naquele momento, cerca de 270 famílias que originaram 73 casamentos registrados, eram católicos porque estavam sob o jugo dos jesuítas que povoavam e catequizavam todas as aldeias da região de Embu e Embu Guaçu. A religiosidade favoreceu essa segunda geração de alemães aqui no Brasil. Tanto os guaranis que se casavam com portugueses como os que se casavam com alemães foram “caipirizados”, e foi em Embu e Itapecerica que pela primeira vez o termo “caipira” aparece na história do Brasil. Começa a se popularizar mais tarde para outros ciclos de descendentes dos naturais da terra com italianos, portugueses e espanhóis. Esse termo também significa os que vivem no mato, os que vivem da roça.

Esse primeiro encontro não um encontro filosófico ou de identidades e ideais. Foi um encontro de força de circunstâncias de duas origens distintas mas que viviam ambas como estrangeiras. Por incrível que pareça, neste momento histórico, os povos indígenas eram tão pressionados pela estrutura da mentalidade da época que eram considerados como estrangeiros no seu próprio lugar. Infelizmente era essa a relação com os povos indígenas. Como os alemães também eram estrangeiros, houve uma afinidade nas gerações posteriores que foram se somando, e é assim que a cidade de Itapecerica da Serra vai se formando. Mais ou menos em 1852 já existiam nessa região famílias brasileiras filhas de tupis guaranis com alemães tendo os mesmos sobrenomes das a família que vieram naquele primeiro navio. Até hoje há famílias com sobrenomes como: Feng, Helks, Engler, etc;, existem mais de 50 ou 60 sobrenomes de cruzamentos dessa origem. Em Santo Amaro não houve tanta comprovação histórica mas também deve ter havido encontros.

O segundo momento de emigração alemã dá-se no início do século XX, entre 1900 e 1910. O grupo vai um pouco mais para o sul, para o Paraná, e novamente as famílias são praticamente jogadas na serra da mata atlântica sem saber lidar com aquele tipo de ecossistema. Não recebem nenhum apoio do governo brasileiro, e algumas delas acabam caindo em aldeias ou áreas de tupis guaranis.

O pai de uma das famílias, chamado Kurt Henkel, foi pedir apoio, para aprender a viver na mata, a uma tribo guarani que o acolheu com muita hospitalidade porque é da tradição guarani acolher todos de forma hospitaleira. Já no século XVI os estrangeiros que chegaram: portugueses, franceses e holandeses foram acolhidos pelos guaranis de forma hospitaleira. Isso tem uma razão filosófica, cultural e tem também uma razão profética que é onde vamos chegar no mito.

Esse alemão identifica-se tanto com a cultura guarani do Paraná, da etnia *Apapokuva*, que em pouco tempo aprende a falar guarani antes mesmo de aprender a falar a língua portuguesa. Foi uma relação tão profunda e ele se entusiasmou de tal forma com essa cultura, que passou a ser um estudioso e ao mesmo tempo um aprendiz. É através dessa cultura que ele desenvolve o sistema de agrofloresta, não só para sua família como para outras famílias guaranis. O governo do Brasil e as pessoas influentes da época não apoiavam os imigrantes, e também por isso Kurt ficou tão grato aos guaranis pelo apoio que recebeu, que passou a

defender a cultura tupi guarani perante o governo brasileiro, e sobre ela escreveu mais de vinte livros.

Os guaranis têm o hábito de acolher no seu círculo pessoas fora da sua cultura, e se elas desejarem, podem passar por rituais como o *nimonkarai* e receber um nome que dentro da tradição tupi guarani é um nome espiritual. Kurt Henkel recebeu o nome de *Nimuendaju* e passou a ser assim chamado. Isso foi tão significativo que anos depois todos os brasileiros, inclusive do governo, e em todo o Brasil, ele era chamado de *Nimuendaju*. Jamais foi chamado de Kurt Henkel no Brasil enquanto viveu, a tal ponto que se pensava que ele era um tupi guarani.

Ele representa uma mudança significativa da sociedade brasileira para com o índio. Para vocês terem ideia ele publica os primeiros 4 livros em alemão e guarani. Os livros vão para a Alemanha e dois deles contêm fragmentos do mito da criação. Não este mito que foi orquestrado mas um fragmento do povo *apapokuva*, e essa foi a primeira vez que uma narrativa tupi guarani foi traduzida para a língua alemã. Depois ele completou mais de vinte livros só sobre a cultura indígena, na sua maioria guarani mas escreve também sobre outros povos.

Nimuendaju é tido como o primeiro etnólogo do Brasil e quando nasce a Universidade de São Paulo, e se instala a cadeira de Antropologia, a única referência que se tem é *Nimuendaju*. Ele passa então a ser um tipo patrono da Etnologia no Brasil mas não é só esse benefício que ele trouxe para a relação tupi guarani e Brasil. Até aquele momento quem defendia os povos indígenas era a ala da igreja católica mais avançada. Fora essa ala, todo o imaginário das tradições indígenas no Brasil era o pior possível. Até aquele momento a sociedade indígena tinha passado por 3 fases: a primeira foi a tentativa de escravização; a segunda fase foi a tentativa de dizimação e a terceira foi a tentativa de extinção dos povos. Por aqui dá para ter ideia de como não era saudável a relação da sociedade brasileira com os povos indígenas. Quando o *Nimuendaju* escreve sobre a filosofia e o pensamento dos povos tupis guaranis, ele muda essa visão mas ele não fica só na literatura, se torna um ativista da causa indígena.

Em 1910 ele reúne se com Rondon e juntos criam o **SPI** que é o serviço de proteção ao índio. Até esse momento não existia nenhuma ideia de defender a cultura indígena que era vista como selvagem e inóspita. *Nimuendaju* criou um órgão do governo brasileiro para a proteção do índio e que na época de Getúlio Vargas se transformaria em **FUNAI** – Fundação Nacional do Índio. Se não fosse o *Nimuendaju* não existiria nenhum órgão oficial governamental que olhasse a causa indígena. Podemos ver a importância deste alemão para a sociedade brasileira como um todo e para os povos indígenas em especial. Ele é muito respeitado até hoje pelos velhos, pelos sábios guaranis. Ele é considerado um guarani.

Esse foi o segundo momento da relação dessa cultura indígena tupi guarani com descendentes, e não só descendentes mas também com alemães diretamente. Muito tempo depois, a partir da década de 60, é que uma parte da sociedade brasileira, uma parcela muito pequena de intelectuais, de estudiosos, de especialistas, começa a olhar o índio com determinado respeito, como cultura portadora de uma filosofia, uma cultura portadora de saberes. Antes não era assim e ainda hoje, vocês podem ter a certeza, na maior parte do imaginário do Brasil ainda não é assim.

Niemuendaju tem um papel importante nessa mudança do olhar da sociedade brasileira para o índio mesmo que se trate apenas de uma elite. Ele só consegue abrir esse espaço porque, de certa forma, o brasileiro tem a mania de valorizar mais o que vem do olhar do estrangeiro. Ele usa isso inconscientemente porque como um estrangeiro de origem alemã, um estudioso e autodidata, tendo escrito mais de vinte livros sobre a cultura indígena, impressiona a intelectualidade brasileira que passa a olhar o índio também como portador de valores.

A **FUNAI** torna-se uma importante organização para a causa indígena nas décadas de 50 e 60 até a entrada dos militares no Brasil. O *Nimuendaju* funda o primeiro museu etnológico em Belém do Pará e ali ele encerra na década de setenta o seu ativismo intelectual, social e político em relação aos povos indígenas.

O terceiro período pode-se dizer historicamente, se dá quando o grupo **Pindorama** com a Ute, Marli e outras pessoas, um grupo razoavelmente grande, se debruça para estudar a alma ancestral brasileira. O encontro aqui é filosófico e espiritual, e quando estuda a alma abre as portas para revisitar o que essa raiz tupi-guarani ancestral tem a nos dizer hoje. Este é o momento que vivenciamos agora. A partir deste grupo inúmeros encontros foram realizados e alguns comigo, em círculos onde abordamos a filosofia, os mitos e particularmente esse *Mito da Criação* que foi adaptado para uma sinfonia por este grupo maravilhoso que está conosco aqui, e que já foi também apresentado na Alemanha.

Esta terceira fase é muito importante porque desde muito tempo dentro do pensamento e filosofia guaranis, e no próprio mito está registrada, embora seja oral, a época e o período em que as sementes das raças viriam se encontrar aqui novamente neste lugar.

Agora eu quero falar um pouco deste mito e da Profecia do Povo Dourado. O mito parte de um complexo da transmissão de saberes na tradição tupi-guarani: *aiwurapeté* que significa “com os fundamentos do ser”.

A tradição tupi-guarani tem uma maneira de transmitir seus ensinamentos que não é pela via escrita e tão pouco é somente pela via oral. Dizemos que é oral para facilitar o entendimento mas a transmissão dos saberes sagrados mais profundos filosóficos espirituais é feita pelo uso de 3 ferramentas que interagem. Uma é a oralidade, não falada mas cantada. O saber sagrado é transmitido através de cantos e esses cantos são dançados. A tradição acredita que quando se representa com o corpo um saber, ele não fica só na memória intelectual mas também em outros níveis do Ser, numa memória que é chamada “memória do coração”, e é por isso que não se esquece. A transmissão é dançada e cantada e isso se faz até hoje. Não se tem ideia de quando começou a ser transmitido.

Do ponto de vista da arqueologia, a presença tupi-guarani no Brasil tem 12.000 anos,; e ainda sobre a arqueologia, o apogeu ou o auge dessa cultura foi há 5000 anos atrás, na região onde hoje fica Paraguai, Argentina, Paraná e Rio Grande do Sul, na região mais ao sul, onde hoje se encontra Foz do Iguaçu. Acredita-se que esses ensinamentos são passados desde essa época. O *aiwurapeté* que significa “fundamentos do ser” está dividido em 4 partes: a primeira fala do Universo como um todo, são cantos que falam como o Universo nasce; a segunda fala especificamente de *Tupã*, *Nhamandu* e *Coaraci* que é a nossa trindade criadora do Cosmo; a terceira fala do homem e da Terra, da Mãe Terra, do planeta Terra; a quarta parte fala das

profecias. Na terceira parte existem vários fragmentos porque com o passar do tempo foi-se dispersando pelas aldeias. Esta terceira parte fala da Mãe Terra e do primeiro ancestral, e foi dos fragmentos desta terceira parte que eu narrei para o grupo **Pindorama**, e venho narrando nos cursos que dou na Fundação Peirópolis e na Unipaz há pelo menos de 15 anos.

Quando narrei no **Pindorama**, a Ute e os outros integrantes acharam muito interessante esse fragmento que fala do primeiro ancestral na Terra, como ele tentou viver na Terra, como gerou a primeira tribo humana e como essa tribo humana se multiplicou. Foi esse mesmo fragmento que foi narrado na Monte Azul e foi levado para a Alemanha em 2008 e que inspirou o Winfried que o transformou em sinfonia. Essa parte diz que quando *Tupã* cria a Terra, quando vai viver na Terra, Ele destina a continuidade da criação ao ser humano. Essa é a mensagem mais importante deste fragmento. Orienta o Ser Humano a ser o porta voz do Criador na Terra mas o ser humano não sabe como fazer isso e questiona o Criador dizendo que não sabe viver na Terra. O Criador diz que ele vai aprender com a própria Terra. Então no mito tupi guarani é a Mãe Terra que orienta o primeiro ancestral como viver no seu próprio espaço, e este é um dos pontos de beleza do mito. Ela o orienta dizendo que ele tem corresponsabilidade, que ele é cocriador porque tem os poderes do Céu e os poderes da Terra, ele é um desdobramento do Criador. A cultura tupi guarani diz que somos um desdobramento do Criador, somos apartados do Criador e a Mãe Terra ancora esse ser cocriador que nós somos, dentro da materialidade. Ela é responsável pela materialidade, pela forma, por dar a forma. A outra mensagem do mito é que a partir daí esse ser cocria, ele transforma a natureza e faz da natureza um lugar bom para se morar. Isso é muito forte na cultura até hoje. A cultura guarani diz que a missão é fazer da Terra um lugar bom para se viver e até hoje segue esse padrão cultural. Os guaranis dizem *Tecoá* que significa tornar aprazível cada lugar onde vivem. Até hoje esse é o grande objetivo para a cultura guarani. Tornar cada lugar que habitamos um *Tecoá*. Dentro do *Tecoá* tem a casa sagrada que é chamada *Tecoá Porã*, é um templo, e é aí que a memória da origem deve ser preservada e contada. Nesse lugar a memória de origem é contada desde sempre.

A terceira metade do mito fala da expansão, da multiplicação. O primeiro ancestral tem uma contra parte, existe o homem e a mulher. Essa contraparte em alguns dialetos é chamada *Mavutsinin* mas no dialeto guarani ancestral se chama *Cunhantaí*. Existe uma divisão e dependendo da região os nomes são diferentes. A primeira mulher nasce para servir de apoio para transformar a Terra num *Tecoá*. Na mitologia tupi guarani a primeira mulher nasce das águas; ela nasce como um espelho do homem, e esta passagem conta que o primeiro ancestral está caminhando em direção à cachoeira e olha na água e vê a imagem dele espelhada e vendo sua imagem fica maravilhado porque nunca tinha se visto antes, então exclama: *Mavutsinin!* Que significa “que maravilha!”. Em outras regiões ele diz *Cunhantaí*, e é muito bonito porque a mulher nasce de um espasmo de maravilhamento, e os dois cocriam o mundo, tornam o mundo um lugar bom de se viver.

Após o nascimento da primeira mulher acontece com o tempo a multiplicação da humanidade, e essa é uma mensagem importante porque neste mito a humanidade nasce quando *Mavutsinin* colhe sementes de árvores diversas na floresta e coloca as sementes numa cabaça que é chama da *maraca* ou *maracá* que é um instrumento, um chocalho, e enquanto

essas sementes vão sendo chacoalhadas e cantadas, vão nascendo as primeiras crianças. Assim, a primeira tribo nasce de diversas sementes.

Esta é a mensagem do mito: não existe desde o início um só povo ou uma só raça na mitologia tupi guarani, e é por isso que os tupis guaranis acolhem todos os povos que os visitam, como irmãos, e os nomeiam assim como fizeram com Kurt Henkel. Eles o consideraram como um deles e o nomearam. No mito há um reconhecimento de que somos todos da mesma semente, e essa semente “se pipoca”, (pipoca é palavra tupi guarani), estoura, e nascem as raças vermelha, branca, amarela e negra e se espalham pelo mundo.

O mito encerra com duas profecias: a primeira que diz que vai haver muito conflito e guerras porque os descendentes iriam se esquecer com o passar do tempo da sua origem, e essa ignorância temporária geraria conflitos, e assim acontece. O irmão mais novo quando volta para a aldeia mitológica não reconhece o irmão mais velho e geram-se brigas. Aí tem início a degradação da cultura, não só da cultura tupi guarani mas também da cultura humana.

A anciã da tribo, a mais sábia, diz que haverá o momento em que os descendentes dessas sementes branca, negra amarela e vermelha, voltarão para o lugar comum, o lugar de origem, e os filhos desses descendentes gerarão a quinta semente, a semente dourada, e que esta protagonizará o despertar da unidade das raças, das consciências, das culturas e aí teremos o Novo Tempo que é a Primavera Humana *Arapoty* e o povo dourado na língua guarani *Aramitã* ou o povo Celestial e fará a síntese dos saberes de cada uma dessas raças gerando um Novo Saber.

E foi esse trecho do mito com o qual as pessoas na Alemanha se identificaram assim como a Monte Azul já havia se identificado, e foi também esse trecho que produziu o fermento que gerou o **Festival Multicultural** que foi apresentado aqui. Será também apresentado no domingo na **Igreja Maria Mãe dos Caminhantes** devotada aos caminhantes: os que caminharam daqui para lá e os que caminharam de lá para cá, e isso aconteceu sem ser combinado. Esta é uma igreja muito bonita e vamos fazer o encontro lá porque não temos um espaço cultural e também porque o padre Odair faz um trabalho ótimo e muito antigo com a juventude da periferia de Itapeceira, num bairro chamado Paraíso.